

Conterrâneos preferem as colônias

Os migrantes são bem mais organizados do que se supõe. Os sociólogos constataram que 44,3% dos entrevistados vieram da Bahia e que estão se aglutinando em colônias municipais. Mais de 20 famílias vindas de Jacobina estão acampadas à margem da BR-040, próximo ao Riacho Fundo. Mais de 15 famílias de Barreiras têm barraco na invasão próxima ao Iate Clube. Irecê tem representantes sob a ponte do Bananal e na 213/214 Norte.

Em alguns dos casos, os barracos são montados em círculo (na invasão do Iate) ou semi-círculo (no Riacho Fundo), formando uma área comum no centro, como uma aldeia indígena. "Estando junto a gente não sente falta do lugar da gente", explica Cícero Bonifácio dos Santos, 51 anos, sete filhos, barreirense. "A gente fica mais segura", diz Normilda Rodrigues, 28 anos, três filhos, jacobinense. Cinco famílias da invasão próxima ao Riacho Fundo vieram da mesma cidade, do mesmo bairro, da mesma rua: rua Santa Rita, Bairro Caixa D'Água, cidade de Jacobina.

Dar lote, como fez o governo Joaquim Roriz, ou dar passagem, como ainda faz o governo Cristovam Buarque, não resolvem nem atenuam o problema. Bursztyn inventa um termo — *desmigração* — para apontar a solução. "Não basta



Cícero dos Santos tem medo de sentir muita falta da terra natal, Barreiras

reter o homem no campo, é preciso atrair as populações que já migraram". Essa teria que ser uma decisão nacional, já que implicaria decisões entre fronteiras.

A pesquisa serviu para mostrar aos adversários do Programa Bolsa-Escola que um salário mínimo

por mês para famílias que têm filho na escola não é chamativo para migrantes. A bolsa-escola não foi citada nenhuma vez pelos chefes das 150 famílias ouvidas. "Eles não têm a expectativa da educação, o futuro para elas é imediato", observa Carlos Henrique Araújo.